

## MARABÁ: ESTUDOS SOBRE A MISTIÇAGEM EM GONÇALVES DIAS E GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA

Débora de Freitas Ramos Apolinário<sup>1</sup>  
(UERJ)

184

### RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão sobre a mestiçagem entre índios e brancos, por meio dos seguintes poemas: *Marabá*, de Gonçalves Dias; *Aos principais da Bahia chamados caramurus* e *Ao mesmo assumpto*, de Gregório de Matos e Guerra. De modo que o objetivo fundamental seja repensar as formulações iniciáticas sobre a alteridade nos Brasil dos séculos XVII e XIX, em um contraponto com as atuais perspectivas sobre a temática do índio. E para esse fim, foram convocados aqui teóricos como Silvano Santiago, Antonio Candido, Nestor Canclini, Núbia Hanciau e João Hansen.

Palavras-chave: mestiçagem, Gonçalves Dias, Gregório de Matos e Guerra.

### RESUMÉ

Le présent travail propose une réflexion sur le métissage entre Amérindiens et Blancs à travers les poèmes suivants : *Marabá*, de Gonçalves Dias ; *Aos principais da Bahia chamados caramurus* et *Ao mesmo assumpto*, de Gregório de Matos e Guerra. L'objectif fondamental étant de repenser les formulations initiales sur l'altérité au Brésil des XVII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècles en contrepoint des perspectives actuelles sur la question indigène. À cette fin, on fera appel aux réflexions de théoriciens comme Silvano Santiago, Antonio Candido, Nestor Canclini, Núbia Hanciau et João Hansen.

**Mots-clés:** métissage, Gonçalves Dias, Gregório de Matos e Guerra.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).  
<http://lattes.cnpq.br/9248548358646552>

Compreender a mestiçagem implica defrontar-se com hábitos intelectuais que levam a preferir os conjuntos monolíticos aos espaços intermediários.

Nubia Hanciau

### Introdução

Os atuais exames acadêmicos que percebem a importância dos estudos de cultura tendem focar temas como identidade, alteridade e mestiçagem. Isso porque tais tópicos analisam o fenômeno de uma hierarquia cultural a partir do choque entre culturas que se descobrem de maneira, por vezes, brutal e sem nenhum interesse antropológico. Entendemos isso como natural na época dos descobrimentos, por exemplo, já que a ciência da antropologia evidencia-se só a partir do século XIX.

O primeiro tópico que nos chama a atenção no momento das grandes navegações é o impacto do anacronismo entre os habitantes da América, os chamados pelo círculo europeu de “índios”, e os “caramurus”, os brancos oriundos de uma também desconhecida Europa. Europa e América eram naquele instante civilizações que começavam a dividir o mesmo espaço, mas não o mesmo tempo. Temporalmente, a civilização indígena das terras brasileiras indicava parâmetros pré-históricos, já a Europa, ciente de possuir um repertório documentado de seus conhecimentos no campo científico e intelectual e capaz de uma acumulação mais eficiente de informações, entendeu a sua diferença cultural como superioridade hierárquica diante dos habitantes

da nova terra. Assim, a supremacia decretada pelo colonizador não era de ordem cultural, mas bélica, como esclarece Silviano Santiago a seguir:

Analisemos [...] as relações entre *duas* civilizações que são completamente estranhas uma a outra e cujos primeiros encontros se situam no nível da *ignorância* mútua. Desde o século passado, os etnólogos [...] no desejo de desmistificar o discurso beneplácito dos historiadores, concordam em assinalar que a vitória do branco no Novo Mundo se deve menos a razões de caráter cultural, do que ao uso arbitrário da violência, do que à imposição brutal de uma ideologia, como atestaria a recorrência das palavras "escravo" e "animal" nos escritos dos portugueses e espanhóis. Expressões que configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer. (1978: 11)

O estabelecimento dessa hierarquia cultural atua como uma subjetividade ilegítima, pois pretende projetar a ineficiência da cultura alheia a partir de sua própria avaliação. Uma vez que ao conceber sua articulação cultural como “melhor” ou “superior” em relação ao outro, participa de uma atitude subjetiva baseada na relação dicotômica entre o eu e o outro na qual a competência avaliativa do outro é desconsiderada e sua voz inaudível. Esse é o caso dos povos indígenas que tiveram sua cultura subjugada por sangrentos extermínios e imposições que pretendiam a aculturação do índio.

No presente trabalho, foram selecionados três poemas que discutem as reverberações das relações entre o índio e o branco, bem como a mestiçagem e os procedimentos híbridos na formação primeva desse brasileiro que engendra na nova terra a perspectiva de uma identidade deslocada. A primeira análise terá como recorte o poema *Marabá*, de Gonçalves Dias, e os dois outros, respectivamente, *Aos principais da Bahia chamados caramurus* e *Ao mesmo assumpto*, de Gregório de Matos e Guerra. Assim, o marabá, mestiço de índio e branco, e o caramuru, homem branco, em cotejo, articulam reflexões que importam para um repensar de questões que versam sobre as primeiras formulações de alteridade no Brasil no século XIX, com Gonçalves Dias, e no século XVII, com Gregório de Matos.

## Marabá

O poema *Marabá*, de Gonçalves Dias, composição indianista da primeira fase do romantismo brasileiro situado entre os anos de 1836 e 1852, versa sobre a história da mestiça Marabá cuja origem étnica compreende a mistura entre índio e branco. Marabá, desprezada pelos índios e rejeitada pelos brancos, padece de crise identitária por não reconhecer-se e não ser reconhecida pela comunidade indígena, como observamos nos seguintes fragmentos do poema indicado:

Eu vivo sozinha, ninguém me procura!  
Acaso feita  
Não sou de Tupá!  
Se algum dentre os homens de mim não se esconde:  
— "Tu és", me responde,  
"Tu és Marabá!"

[...]

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:  
"Teus olhos são garços",  
Responde anojado, "mas és Marabá:  
"Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,  
"Uns olhos fulgentes,  
"Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!"

[...]

Se ainda me escuta meus agros delírios:  
— "És alva de lírios",  
Sorrindo responde, "mas és Marabá:  
"Quero antes um rosto de jambo corado,  
"Um rosto crestado  
"Do sol do deserto, não flor de cajá."

[...]

Mas eles respondem: "Teus longos cabelos,  
"São loiros, são belos,  
"Mas são anelados; tu és Marabá:  
"Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,  
"Cabelos compridos,  
"Não cor d'oiro fino, nem cor d'anajá,"

Eis o cerne da discussão inserida no poema: a mestiçagem que deforma a beleza indígena em uma outra estranha a sua comunidade. Mestiçagem formadora do povo brasileiro que ilustra a tentativa dos românticos desse período de promover uma literatura que fosse a expressão legítima da nação. O próprio Gonçalves Dias, mestiço, orgulhoso de seu sangue índio e branco era exemplo dessa tentativa de sintonizar a literatura brasileira com a mestiçagem que compunha os homens e que agora tematizava também as Letras do Brasil.

No ensaio *Léxico e poema: um estudo sobre marabá de Gonçalves Dias*, Luciene Braga alerta que o substantivo comum “marabá” (mestiço) ao funcionar como substantivo próprio “Marabá” identifica e nomeia esse sujeito em trânsito incapaz de se definir por etnia, uma vez que o mestiço é um sujeito sem *locus*. A seguir um breve destaque de Braga sobre esse argumento:

[...] o eu-lírico do poema, a índia denominada “Marabá”, substantivo comum que, como foi dito, significa “mestiça” acaba funcionando como o substantivo próprio que designa o nome da personagem. Contraditoriamente, seu nome, em vez de lhe prover uma identidade, ressalta sua contradição de “ente em transição”, seu nome é motivado pelo seu próprio drama. Marabá é a síntese da perda de identidade: por mais linda que seja, não pertence a povo algum e todos a rejeitam por isso. (2010: 8).

O conceito de mestiçagem “emerge do choque com o diferente e se estabelece a partir da biologia, alargando-se na sociedade através de artimanhas discursivas e práticas políticas e, por sua vez, atinge seu clímax ao ser proclamado como categoria identitária de uma nação [...]” (CARRIZO, 2005: 261). É quando atinge o status de identidade nacional que a mestiçagem será articulada no poema *Marabá* como uma identidade indefinida, deslocada e inserida em uma ausência conceitual. Excluída de um

grupo que lhe autorize, a mestiçagem conduz a uma situação de “entre-lugar”<sup>i</sup>, expressão criada por Silviano Santiago em seu célebre ensaio intitulado “O entre-lugar do discurso latino-americano” na década de 70.

A distância entre os séculos de Gonçalves Dias e de Silviano Santiago não estabelecem um anacronismo entre suas perspectivas porque o que se tem em análise é o estranhamento de culturas entre dominador e dominado. Bem como a interação cultural dessas duas forças que resultou em um processo de hibridação examinado pelos autores brasileiros no nível da produção literária por um viés linguístico, cultural e étnico que chamamos mestiçagem.

Um traço que importa no mestiço e que destaca a ideia de sua impossibilidade conceitual é que ele não está na categoria étnica do branco e nem do índio. E, por consequência, enquadra-se, em uma conceituação incapaz de se definir senão pela indefinição, um não-lugar ou um lugar mediador, lacunar, entre uma etnia e outra. A seguir, recortes de *Marabá* que ilustram essa perspectiva de suspensão identitária que desloca a personagem para a categoria dos lírios, areias, mares, aves, uma vez que não encontra seus semelhantes entre índios e brancos, como observamos a seguir:

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,  
— Da cor das areias batidas do mar;  
— As aves mais brancas, as conchas mais puras  
— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar.

[...]

— Meu colo de leve se encurva engraçado,  
— Como hástrea pendente do cactus em flor;  
— Mimososa, indolente, resvalo no prado,  
— Como um soluçado suspiro de amor! —

[...]

"Eu amo a estatura flexível, ligeira,  
Qual duma palmeira",  
Então me respondem; "tu és Marabá:  
"Quero antes o colo da ema orgulhosa,

Que pisa vaidosa,  
"Que as flóreas campinas governa, onde está."

[...]

— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,  
— O oiro mais puro não tem seu fulgor;  
— As brisas nos bosques de os ver se enamoram  
— De os ver tão formosos como um beija-flor!

190

Assim, não é difícil imaginar essa índia “deformada”, de pele branca, loira, cabelos cacheados, de estatura flexível e esquia que a fim de pertencer a uma esfera comunitária, busca na natureza relações de alteridade e parentesco. A identidade deslocada de Marabá e o conseguinte sentimento de não pertencimento acontece por sua diferença quando contrasta com as outras índias de olhos pretos, “rosto de jambo corado”, cabelos lisos. Essa comparação entre Marabá e as índias “genuínas” ressalta que as relações de intolerância não se restringem ao dominador, mas ao estranhamento e percepção de si em contraste com o outro também na própria comunidade indígena.

A estrutura do poema é organizada por repetições como “Tu és Marabá” e por rimas ora sequenciais, ora alternadas, como as da primeira estrofe “procura/feitura”; “Tupá/Marabá” e “esconde/responde” que proporcionam singular sonoridade ao canto melancólico de Marabá que nos lembra a dor dos rejeitados como Quasímodo em “O corcunda de Notre-Dame”, do francês Victor Hugo. Marabá, a índia deformada por alva beleza, e Quasímodo, com sua corcunda, dão contorno a essa poética da diferença que encontra na hermenêutica do outro as motivações de uma expressão autêntica, porque elaborada a partir de um lugar suspenso, desconhecido, despolarizado, mestiço, sem pares. Pois, como nos adverte Antonio Candido, Marabá “[...] a admirável mulher de dois sangues, que traz ao lirismo uma ressonância mais pungente do sentimento de incompreensão amorosa [...] é desses *monstros* diletos do romantismo (Quasímodo, Gwynplaine), postos pela fatalidade aquém da plenitude afetiva: só que, neste caso, monstro extremamente belo e, por isso, mais trágico no seu desamparo [...]”. (1993: 74).

### O caramuru e o marabá

REVISTA LITTERIS  
[www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)

ISSN: 19837429

Março de 2014

N.13

Volume 2

Sobre o poeta Gregório de Matos e Guerra (1636–1695) três informações importam antes de se analisar sua poesia: “Não se conhece texto autógrafa de Gregório de Matos”; “não há texto seu impresso em vida” e “seus poemas foram recolhidos, sem nenhum critério normativo, em códices manuscritos por copistas dos séculos XVII e XVIII, que podem ter-lhe atribuído autoria da produção alheia.” (OLIVEIRA, 2003: 33). Além disso, os textos que lhe são autorizados foram coletados da circulação oral ou transcritos das “folhas avulsas”.

Isso significa que havia na Bahia do século XVII um modo de versar de inspiração à Gregório de Matos que já não se individualizara na pessoa de Gregório, mas que transcendia a sua *autoritas*. Não havia nesse tempo preocupação em proteger “os direitos autorais” tão caros ao romantismo. O poeta Gregório tinha sua nacionalidade muito bem definida: ele era português. Só no século XIX a ideia de uma identificação nacionalista toma corpo e projeção. Sendo assim, esperaremos de Gregório de Matos e Guerra uma reflexão diversa da de Gonçalves Dias, uma vez que para o branco do século XVII não se estabelece uma crise identitária oriunda do processo de mestiçagem. As relações entre mestiços e brancos estão polarizadas sem nenhuma polêmica capaz de contestar com eficiência essa dicotomia.

Em seus poemas, Gregório de Matos utiliza a sátira barroca a fim de instrumentalizar algumas de suas produções tais como as que pretendemos analisar, “Aos principais da Bahia chamados os caramurus” e “Ao mesmo assumpto”. Neles, a temática é o índio, ou melhor, a fusão étnica entre índio e branco, o mestiço. Caramuru e Marabá pertencem a um diálogo de hierarquia cultural que se desenvolve nos dois movimentos próprios da sátira: a ruptura do decoro, ao expor o evento ao ridículo, e o segundo movimento que visa à ponderação. A sátira por conta dos motores que configuram a ruptura do decoro e a ponderação resulta em um expediente capaz de ensinar e divertir de forma persuasiva. Assim, a sátira era, antes de tudo, uma diligente



proposta do poeta de dialogar com os problemas da época e não um simples artefato de zombaria.

Em “Aos principais da Bahia chamados caramurus” e em “Ao mesmo assumpto”, Gregório de Matos evidencia uma leitura do mestiço própria do homem português do seu século que repudiava a contaminação sanguínea do fruto humano do Brasil, pois “[...] ao contrário do que muita interpretação contemporânea vem propondo, a sátira barroca atribuída a Gregório de Matos não está, de modo algum, contra a moral.” (HANSEN, 2004: 389). Mas está ligada aos valores de seus coetâneos europeus já que o “Central da sátira ibérica [...] é a concepção jurídica da “limpeza de sangue”, que classifica indistintamente não brancos e não católicos como “raças infectas de mouros, negros, judeus e mulatos”. (HANSEN, 2004: 389) Assim, percebemos a referência pejorativa de Gregório ao marabá, oriundo do ser adâmico indígena, o “Adão de Massapé”, como observamos nos destaques seguintes que tratam da miscigenação entre índios e brancos:

Animal sem razão, bruto sem fé,  
Sem mais Leis, que as do gosto, quando erra,  
De Paiaia<sup>ii</sup> virou-se em Abaeté.

Não sei, once acabou, ou em que guerra,  
Só sei, que deste Adão de Massapé,  
Procedem os fidalgos desta terra.

[...]

Há cousa como ver um Paiaia  
Mui prezado de ser caramuru<sup>iii</sup>  
Descendente de sangue de Tatu<sup>iv</sup>,  
Cujo torpe idioma é cobé pá<sup>v</sup>.

[...]

Cuja filha Cobé um branco Paí  
Dormiu no promontório de Passé<sup>vi</sup>.

Além da percepção negativa das misturas raciais, há também uma tentativa de demonstrar a decadência do idioma indígena em “Descendente de sangue de Tatu/ Cujo torpe idioma é cobé pá”. Isso acontece de forma efetiva no poema “Aos principais da Bahia chamados caramurus” através das finalizações dos versos em oxítonos, proporcionando uma cadência que se liga ao ritmo da língua indígena. A ridicularização do idioma do índio se destaca nos seguintes recortes:

A linha feminina é carimá<sup>vii</sup>  
Moqueca<sup>viii</sup>, pititinga<sup>ix</sup>, caruru<sup>x</sup>  
Mingau de puba<sup>xi</sup>, e vinho de caju  
Pisado<sup>xii</sup> num pilão de Piraguá<sup>xiii</sup>.

Um calção de pindoba a meia zorra  
Camisa de Urucu, mantéu de Arara,  
Em lugar de cotó arco, e taquara,  
Penacho de Guarás em vez de gorra.

Nos destaques acima, pode-se notar a “ruptura do decoro”, desprestigiando a língua do índio a fim de “ponderar” sobre os males da contaminação indígena na formação racial dos então “principais da Bahia chamados caramurus”. Pois como nos diz João Adolfo Hansen em *Floretes agudos, porretes grossos* os índios faziam parte das categorias sociais consideradas vulgares e por isso teriam seus vícios advertidos por meio do gênero satírico, como observamos no destaque a seguir:

[...] tipos e categorias sociais “negro”, “pardo”, “índio”, “cristão novo”, “judeu”, “comerciante”, “mulato”, “ourives”, “puta”, “sodomita” são a principal matéria satírica, porque identificados a vulgares viciosos. Vulgares porque doutrinados como naturalmente baixos, sem discrição; vulgares porque não sabem o seu lugar; vulgares porque pecam contra a natureza. (HANSEN: 1996)

Ainda sobre a depreciação do idioma indígena “[...] lugar-comum frequente nos cronistas do século XVI é o da falta das letras F, L e R na língua dos índios.” (HANSEN: 2004, 385). Segundo eles,

A língua geral de toda aquela costa carece de três letras: F, L, R: de F, porque não tem Fé, de L, porque não tem

Lei, de R, porque não tem Rei [...]”<sup>xiv</sup> Assim, “[...] as três ausências constitutivas do gentio brasileiro estavam causalmente encadeadas: não tinham fé porque não tinham lei, não tinham lei porque não tinham rei. Sua língua não tinha nem o som (efes, eles, erres), nem o sentido [...]. (CASTRO, 2002: 218).

Um aspecto importante nesse procedimento de ridicularizar a língua do índio é a tentativa de forjar uma recepção de não entendimento do idioma indígena por parte do leitor ao utilizar rimas de palavras que pouco expressam no contexto semântico. Exemplo disso acontece no seguinte fragmento do poema de Gregório, já que o poeta compara a linhagem feminina indígena ao “carimá, moqueca, pititinga, caruru, mingau de puba e vinho de caju” todas palavras que indicam expressões do campo semântico próprio da culinária indígena e que nada significam sobre a genealogia indigenista.

A linha feminina é carimá  
Moqueca, pititinga caruru  
Mingau de puba, e vinho de caju  
Pisado num pilão de Piraguá.

O ato de preterir a língua do índio, além de ser uma demonstração da técnica satírica por conta da “ruptura do decoro”, inocula a construção de uma identidade indígena pelo discurso branco, europeu e masculino. Nesse episódio, fica evidente a constituição de uma hierarquia entre dominador e dominado na qual o poder do dominador se dá por vias discursivas. Em *Textualidades indígenas no Brasil*, Cláudia de Matos comenta sobre as dificuldades de compreensão da língua indígena pelo dominador, conforme observamos nas linhas seguintes:

Gente nua de corpo e de espírito, *tabula rasa* e sem mácula oferecida à inscrição da história do Ocidente [...] o índio do Brasil apresentou-se desde o início, e durante muito tempo, como figura muda [...] A grande maioria da informação que temos sobre o índio dos primeiros séculos da colonização está vazada pela escrita de cronistas, viajantes, missionários [...] Os cronistas coloniais referiram-se, frequentemente, à ininteligibilidade do que diziam os índios ao cantar. E, na verdade, mesmo que não houvesse a barreira do idioma, talvez não fosse fácil para ouvidos e cabeças de branco compreender essa linguagem fortemente estilizada e figurada, que opera com a elipse, a síntese e o subentendido. Essa linguagem poética

que, como toda a linguagem poética aciona a materialidade do código, explora a estética metafórica, o enigma, as zonas de intraduzibilidade. Mesmo atualmente, colocam-se grandes dificuldades na transposição dos textos em versos para o português. Quando se tenta encetar uma tradução ou quando se lêem traduções alheias, tem-se, muitas vezes, à primeira vista, a impressão de que falta nexos ao texto”. (MATOS, 2005: 459).

Desvalorizar o idioma do índio é também uma tentativa de corromper toda a construção identitária do elemento indigenista. Sendo inexpressiva a língua e, conseqüentemente, todos os elementos de cultura que implicam em uma identificação indígena, será a língua portuguesa referência identitária do índio pelo discurso branco, europeu e masculino, como já destacamos.

A ideia de uma construção identitária através do discurso faz parte de um instrumental teórico bastante utilizado a fim de se refletir sobre a condição de margem das minorias. Em *Textualidades indígenas no Brasil*, Claudia Neiva de Matos percebe uma tentativa de retomada dessa voz indígena sufocada pelo olhar unilateral do branco, que “vestiu” o índio, o nu, o *tabula rasa*, segundo conveniência que lhe conferia o poder de subjugar discursivamente o índio. Esse movimento de tomada de discurso se evidencia segundo Claudia Matos pela publicação de ensaios, ficção e gravações de cantos indígenas por programas de educação diferenciada desenvolvidos no país, instituições religiosas como o Conselho Indigenista Missionário e de ONGs. A possibilidade de construir sua identidade por meio do discurso ficcional e ensaístico permite o ensejo de uma nova visão do índio não mais dominada pela restrição imaginária do colonizador, mas própria de uma cosmovisão indigenista, o *Weltanschauung* indígena.

Sobre esse movimento de construção discursiva do espaço do índio Matos indica uma outra relação de alteridade entre brancos e índios na qual não existe mais o *dominador* e o *dominado*, mas os *integrados na diferença* e até mesmo *pela* apreciação da diferença:

Ainda são muito raros entre nós os autores indígenas de perfil mais individualizado, mas já é possível apontar nomes como os de Daniel Mundukuru (*Histórias de índios*, 1999; *Coisas de índio*, 2000) e Kaka Werá Jecupé, Tapuia (*Todas as vezes que dissemos adeus*, 1994; *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*, 1998) [...] Expandindo o acesso dos índios ao mundo da escrita, e, investindo frequentemente no bilinguismo e na preservação da cultura endógena viva, esses programas também cuidaram de desenvolver convenções de grafias para as línguas maternas, e estimular o registro de textualidades nessas línguas por parte dos próprios indígenas.” (MATOS, 2005: 455-460).

### Referências bibliográficas

CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

CANDIDO, Antonio. Gonçalves Dias consolida o romantismo. *Formação da literatura brasileira*. Vol. 2. BH/RJ: Itatiaia, 1993.

CARRIZO, Silvia. Indigenismo. In: *Conceitos de literatura e cultura*. FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Juiz de Fora: UFJF, 2005.

CASTRO, Eduardo V. de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

GUERRA, Gregório de Matos e. Aos principais da Bahia chamados caramurus; Ao mesmo assumpto. In: MALARD, Leticia (Org). *Poemas de Gregório de Matos*. BH: Autêntica, 1998.

HANCIAU, Nubia. Entre-lugar. In: *Conceitos de literatura e cultura*. FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HANSEN, João. Os lugares do lugar. In: *A sátira e o engenho*. Campinas: UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_. Floretes agudos e porretes grossos. Folha de São Paulo, caderno “Mais”, 20/10/1996.

\_\_\_\_\_. Sátira barroca e anatomia política. In: *A sátira e o engenho*. Campinas: UNICAMP, 2004.

MATOS, Cláudia Neiva de. Textualidades indígenas no Brasil. In: *Conceitos de literatura e cultura*. FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Juiz de Fora: UFJF, 2005.

OLIVEIRA, Ana Lúcia. Breves anotações sobre a musa preguejadora da “Época Gregório de matos”. In: Rocha, Fátima C. Dias. *Literatura brasileira em foco*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. “Pregando a toda criatura”: Antonio Vieira e a semeadura no mundo novo. In: *Descobrir o Brasil: sentidos da literatura e da cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

\_\_\_\_\_. Breves anotações sobre a musa praguejadora da ‘Época Gregório de Matos’. In: ROCHA, Fátima C. (org.) *Literatura brasileira em foco*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRAGA, Luciene Maria. Léxico e poema: um estudo sobre *Marabá* de Gonçalves Dias. Extraído em 28/01/2011 do site: [www.filologia.org.br/xiv.../lexico e poema um estudo LUCIENE.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv.../lexico_e_poema_um_estudo_LUCIENE.pdf)

<sup>i</sup> “zonas” de descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura europeia.

O entre-lugar. In: *Conceitos de literatura e cultura*. p. 127.

<sup>ii</sup> Paiaiaá: pajé, feiticeiro.

<sup>iii</sup> Caramuru: homem branco importante.

<sup>iv</sup> Tatu: [...] talvez se refira a um famoso chefe indígena, de nome Porquinho, conforme a tradição, na época do Governador Luís de Brito.

<sup>v</sup> Cobé pá: dialeto dos índios Cobé, que habitavam próximo da cidade. “Pá” é a afirmativa “sim”.

<sup>vi</sup> Passé: [...] localidade (não identificada) ou tribo indígena da Amazônia, entre os rios Negro e Içá.

<sup>vii</sup> Carimá: bolo de farinha de mandioca.

<sup>viii</sup> Moqueca: guisado de peixe, galinha ou ovos, com leite de côco e muito tempero.

<sup>ix</sup> Pititinga: manjuba ou enchova (nomes de peixes).

<sup>x</sup> Caruru: guisado muito temperado de quiabo com camarão e peixe.

<sup>xi</sup> Puba: (farinha) mole ou amolecida.

<sup>xii</sup> Pisado: socado no pilão.

<sup>xiii</sup> Piraguá: localidade (não identificada), sinônimo de caipira, uma espécie botânica de cipó.

<sup>xiv</sup> Oliveira, Ana Lúcia. “Pregando a toda criatura”: Antonio Vieira e a semeadura no mundo novo. (Texto inédito).